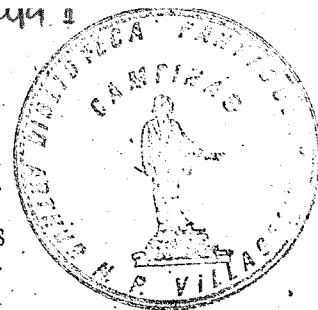


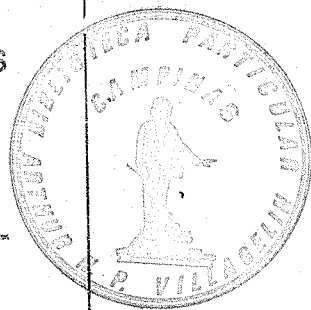
## Decreto nº 5070 de 26-01-1977



- 57 — RUA SERRA DO PILAR — Formada pela rua 47 do J. S. Fernando e rua 47 do Jardim Itatiaia, com início à Rua 43 do J. S. Fernando e término à Rua 1 do J. Itatiaia.
- 58 — RUA SERRA DE MADUREIRA — Formada pelas ruas 48 do J. S. Fernando e 48 do Jardim Itatiaia, com início à Rua 44 do J. S. Fernando e término à Rua 28 do J. Itatiaia.
- 59 — RUA SERRA DO ITAJAÍ — Formada pela rua 49 do J. S. Fernando, com início à Rua 28 do J. S. Fernando e término na divisa sul do J. S. Fernando.
- 60 — RUA SERRA GERAL — Formada pelas ruas 50 e 54 do J. S. Fernando, com início na divisa sul do J. S. Fernando e término na divisa norte do mesmo loteamento.
- 61 — RUA PRAIA DO FLAMENGO — Formada pela rua 51 do J. S. Fernando, com início à Rua 14 da Vila Orozimbo Maia e término à Rua 31 do J. S. Fernando.
- 62 — RUA SERRA DE CAPANEMA — Formada pela rua 52 do J. S. Fernando, com início à Rua 20 e término à Rua 53 do mesmo loteamento.
- 63 — RUA SERRA DA TIJUCA — Formada pela rua 53 do J. S. Fernando, com início à Rua 28 e término na divisa norte do loteamento.
- 64 — RUA CARIOCA — Formada pela rua F do J. Itatiaia, com início à Rua 12 e término à Rua 48 do mesmo loteamento.
- 65 — RUA CAPIXABA — Formada pela rua 2 do J. Itatiaia, com início à Rua B e término à Rua 28 do mesmo loteamento.
- 66 — RUA GAÚCHO — Formada pelas ruas 3 do Jardim Itatiaia e 3 do Jardim Andorinhas, com início à Rua 12 e término à Rua 5 do J. das Andorinhas.
- 67 — RUA GARIMPEIRO — Formada pela rua 4 do J. Itatiaia e 4 do J. das Andorinhas, com início à Rua 12 e término à Avenida 1 do Jardim das Andorinhas.
- 68 — RUA CAICARA — Formada pela rua 5 do Jardim Itatiaia, com início à Rua 6 e término à Av. 2 do mesmo loteamento.
- 69 — RUA JANGADEIRO — Formada pela rua 6 do J. Itatiaia, com início à Avenida 1 e término à Avenida 2 do mesmo loteamento.
- 70 — RUA FLUMINENSE — Formada pela rua 7 do J. Itatiaia, com início à Rua 12 e término à Avenida 2 do mesmo loteamento.
- 71 — RUA CANDANGO — Formada pela rua 6 do J. Itatiaia, com início à Rua 6 e término à Rua 7 do mesmo loteamento.
- 72 — RUA CALUNCA — Formada pela rua 9 do J. Itatiaia, com início à Rua 7 e término na divisa do loteamento.
- 73 — RUA SERTANEJO — Formada pela rua 10 do J. Itatiaia, com início à Rua 2 e término à Rua 3 do mesmo loteamento.
- 74 — RUA CAMPEIRO — Formada pela rua 11 do J. Itatiaia, com início à Rua 28 e término à Rua 3 do mesmo loteamento.
- 75 — RUA SERINGUEIRO — Formada pela rua 14 do Jardim Itatiaia, com início à Rua 5 e término à Rua 6 do mesmo loteamento.
- 76 — RUA GERIMUM — Formada pela rua 15 do J. Itatiaia, com início à Rua 2 e término à Rua 10 do mesmo loteamento.
- 77 — RUA HILÉIA — Formada pela rua 1 do Jardim das Andorinhas, com início à Avenida 3 e término à Rua 5 do mesmo loteamento.
- 78 — RUA RESTINGA — Formada pela rua 5 do Jardim das Andorinhas, com início à Avenida 4 e término na divisa leste do mesmo loteamento.
- 79 — RUA MINUANO — Formada pela rua 6 do J. das Andorinhas, com início à Rua 12 e término à Rua 13 do mesmo loteamento.
- 80 — RUA CERRADO — Formada pela rua 7 do J. das Andorinhas, com início à Rua 4 e término à Rua 19 do mesmo loteamento.
- 81 — RUA PLANALTO — Formada pela rua 8 do J. das Andorinhas, com início à Rua 18 e término à Rua 16 do mesmo loteamento.
- 82 — RUA PANTANAL — Formada pelas ruas 10 e 19 do J. das Andorinhas, com início na divisa norte do loteamento e término à Av. 1 do mesmo loteamento.
- 83 — RUA RECONCAVO — Formada pela rua 11 do J. das Andorinhas, com início à Rua 10 e término à Rua 2 do mesmo loteamento.

SEGREDOS E REVELAÇÕES  
DA HISTÓRIA DO BRASIL

PEDRO CALMON

ÊSTES VELHOS NOMES:  
GUANABARA E CARIOCA

POUR falar em Guanabara...

Para os portugueses isto aqui sempre foi Rio de Janeiro. Nenhum deles, de Nóbrega e Anchieta aos cronistas clássicos, Gabriel Soares, Frei Vicente do Salvador, Fernão Cardim, que a propósito da paisagem se derrama em piedoso leuvar, conheceu por outro nome a baía emoldurada de soberbos penedos. Começa com Thevet e Léry, um franciscano, outro calvinista, que em 1557 publicaram os primeiros relatos da *França Antártica*, de Villegagnon, o caprichoso destino daquela bonita palavra. Dizem que os Tamoios assim chamavam o golfo. Mas (observe-se!) em pronúncia francesa, oxitona, como *Paranaguá*, que aliás significa o mesmo, lago-quase-mar, ou com este parecido, *Guanabará*... Felizmente a ignorância do permenor — e a doce língua, em que polimos as asperezas da fala primitiva, deixaram que disséssemos à nossa maneira, irreconhecível de índios e huguenotes, esse galo-tupismo contemporâneo de Estácio de Sá! Ocultou-se, por sinal, na cova dos tempos, de onde o desentranhou a erudição tardia e tímida.

Aires de Casal, na *Corografia Brasílica*, toma partido: "Os nossos escritores concordam que o nome primitivo desta baía era Niterói; e Léry, que esteve aqui algum tempo em companhia de Villegagnon, diz que os aborígenes lhe chamavam Guanabara. O certo é que o primeiro quadra-lhe bem, significando água escondida, *hi* água, *niteró*, escondida".

No seu poema *Assunção*, dois anos mais tarde (1919), Frei Francisco de São Carlos repete, e fabuliza: "... O lago da água amára — Do grão Niterói, do Guanabara". É quando Januário da Cunha Barbosa cria em verso branco a lenda do pátrio titã, "o Niterói", com o mesmo direito mitológico que tiveram os antigos, povoando de "Iusíadas" ou "tágides" o velho Tejo; e com este título nativista Magalhães, Porto Alegre e Torres Homem publicaram em Paris (em 1836) a sua revista romântica. *Guanabara* foi (em 1849) — e note-se a procedência da inspiração — a que lhe completou, na Côte, o apostolado literário. A escola poética, formada ao calor das paixões liberais, pelo modelo francês de um indianismo de recorte helênico, ilustrado pelas utopias do século de Montaigne e Rabelais, naturalmente desembocava no estuário azul da *Guanabara*, de André Thevet, em que a epopéia cabocla não podia ser a guerra dos lusos termininós a Villegagnon, mas — do lado oposto — a... *confederação dos tamoios*.

O poema de Gonçalves de Magalhães consagra (e esgota) esse entusiasmo forasteiro pelas origens indígenas do Brasil, que o de Anchieta — contando exatamente o contrário, ou seja, a gesta de Mem de Sá, em luta com os intrusos — até há pouco jazeu no mais ingrato esquecimento.

O fato é que o topônimo voltou, abriu elegantemente o seu caminho, sorria; e impôs-se.

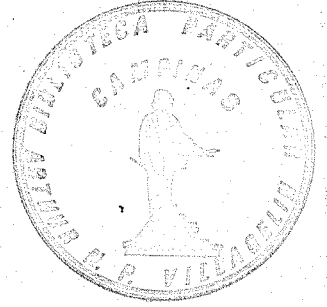
*Carioca* é nome da mesma época, e melhor história.

Principiou como sítio de refúgio dos calvinistas zangados com o cavaleiro de Rodes, aquêle versátil Nicolas Durand de Villegagnon, nos dias obscuros em que as duas bandeiras brigavam, cada uma com o seu estilo polêmico e o seu vocabulário geográfico, por estes litorais paradisíacos.

continua na página 114

OSCARES E REVELAÇÕES  
DA HISTÓRIA DO BRASIL

continuação de página 113



De carol, senhor, e cea, casa, o vocábulo ocorre a respeito da claria que os francescos fizeram em terra firme, defronte da sua ilha fortificada, ou *Briqueterie*, como lhe chama Jean de Léry. Que a casa do branco desse nome ao rio, de que, ao tempo de Gabriel Soares (em 1584) bebia a Cidade, diz este autor, designando como "ponta de Léry" a que fecha o semicírculo da costa em frente a Villegagnon, hoje Morro da Viúva. Segundo o jovem discípulo de Calvino, para essa claria se retiraram os protestantes. *Carioca* (para os índios) e *briqueterie* (para os calvinistas) constituíam um único estabelecimento, informa o Padre Luís da Grã em 1582, quando, referindo-se ao tráfuga, Monsieur des Boulès, que fôra acolher-se a São Vicente, na proteção dos portugueses, conclui, "os que vieram da Carioca eram uma coisa só...".

Expulsos os invasores e a Cidade de São Sebastião transportada do sopé do Pão-de-Açúcar para as abas do Castelo, "da carioca" se apelidou, de modo geral, água da fonte, fôsse ou não daquele ribeiro freqüentado por luteranos e católicos. Dizia-se assim (como ainda se faz em Santa Catarina) de manacial ou poço defendido por um telheiro, chafariz ou fontanal como o do Largo da Carioca, à sombra do Convento de Santo Antônio, a seu tempo o centro rumoroso do Rio de Janeiro. A esta luz ganha sentido a frase de Frei Vicente do Salvador, "três batéis nossos foram tomar água à ribeira da Carioca...". Por extensão, *cariocas* ficaram sendo (e tinha graça) os que se serviam da linfa cristalina... O gentilico não veio logo; e chegou, como é de presumir, dissimulando em menosprêzo e troça.

Na desconfiança caipira (veja-se a comédia *O Dilettante*, de Martins Pena, de 1844) o termo soava como um depreciativo. Incluía-se na gíria irônica com que se tratam, e maltratam, os vizinhos, que gente do Rio no Império, gravemente se qualificava — porque do Rio — *fluminense*. A evolução estala na literatura de um filho dileto destes morros verdes e pobres, que, como ninguém, amou o chão natal. Em 1870 escreveu Machado de Assis *Contos Fluminenses*. Era, na verdade, o intérprete tranqüilo da alma jovial desta Corte de ladeiras arcaicas e costumes novos. Mas nas *Relíquias da Casa Velha*, em 1906, se acomoda ao uso; e, com certo orgulho inconsciente, lá passeia êle de braço com a palavra, reabilitada, sonora e forte, "os cariocas somos pouco dados aos jardins...". Explica-se. Com a República, estadualização das províncias e Distrito Federal, *fluminenses* seriam os de lá da outra margem, donos do nome (Guanabara e Niterói, para voltar a Aires de Casal e Frei São Carlos), que os da Capital Federal (e só se pode pensar nisto unindo na mesma crítica Artur Azevedo e Cecílio Neto) voltavam gostosamente à alcunha de outrora, àquele apelido popular e vigoroso, levantado, como a poeira da rua humilde na asa do vento, pela espontânea alegria dos simples, até alcançar, como alcançou, a galanteria dos salões, a força do hábito, a glória do livro.

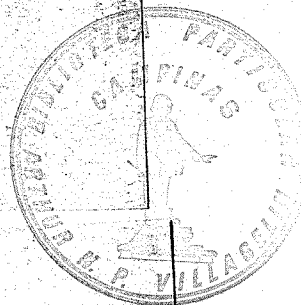
O costume, no unânime consenso dos entendidos, é, em matéria de linguagem, o legislador soberano. Meio século bastou, para expurgar o vocábulo do seu teor malicioso. O que fôra antes vulgaridade, de debique anônimo, lembrando a romaria dos pretos à fonte de pedra da Carioca, se tornou o nome corrente, e ufano. Se quiserem, generosamente belicoso. Que esta é a sina das designações timbradas pela zombaria e coiadas ao brio coletivo como um rótulo histórico... Carioca, sim; para sempre.

E Rio de Janeiro — que no quente elogio de Fernão Cardim (em 1583, quando madrugava a Cidade) "parece que a pintou o supremo pintor e arquiteto do Mundo, Deus Nosso Senhor, e assim é cousa formosíssima e a mais aprazível que há em todo o Brasil".

# segredos e revelações da história do brasil

PEDRO CALMON

## CARIOCAS OU... FLUMINENSES?



Se amadurecer (pois está verde) a idéia da fusão dos Estados, e num só se converterem a Guanabara e o Rio de Janeiro — seremos todos fluminenses ou, os da banda mais povoada do golfo — continuarão cariocas?

A pergunta é inocente; e a resposta, histórica. Porque poderíamos acabar como começamos, fluminenses genuínos, que este é o correto nome dos habitantes do Rio.

Fluminenses como o primeiro diário, a primeira loja maçônica; as sociedades, os clubes, os cassinos, o Prado de corridas, os contos de Machado de Assis; na época em que, no dizer deste, Guanabara tinha “o pecado de cheirar à poesia”, sendo afinal topônimo tão literário e pesquisado como Niterói.

Carioca, até a República (ou pouco antes) foi apelido, que envolvia mofa; à semelhança de outros apelidos que eram escarninhos e terminaram enfáticos, substituíveis, sonoramente ditos e proclamados, como no caso regional o gaúcho e no caso nacional o brasileiro. Vinha do chafariz de que bebeu a Cidade nos primeiros tempos, a carioca da enseada do Flamengo; e da mais famosa, e central, no sopé do morro de Santo Antônio, recordada pelo largo desse nome. Por extensão (e graça) a gente do interior passou a chamar assim a da corte. Pelo menos é o que se infere do teatro de Martins Pena (quando fala o paulista) em 1844. Talvez tenha sido José de Alencar o primeiro a pôr em romance a áspera palavra, adotada em *O Garatuja* (1872): “carioca faceira”.

Machado de Assis adotou-a, mas tardiamente, nas *Relíquias da Casa Velha*, 1906: “os cariocas somos pouco dados aos jardins”. Isso depois dos contos cariocas de Artur Azevedo; quando havia necessidade de separar pela alcunha, como administrativamente se separaram pela federação, as populações que têm o condomínio da baía; fluminenses os da Praia Grande, cariocas os que os vêem do outro lado da água. Ou iam — porque há a ponte. A ponte se Deus quiser — e já felizmente se anuncia! — nos unirá, melhor do que os artifícios legais ou as combinações administrativas; esse sonhado e maravilhoso laço de ferro, que pretende juntar ambas as margens da baía — e constituía matéria de meditação para o Camargo do romance de Machado de Assis, “*Helena*”, em 1876. A cabeça do personagem ardia em projetos. Fartos e generosos projetos... “Medita alguma ponte pênsil entre a Côte e Niterói, uma estrada até Mato Grosso ou uma linha de navegação para a China?” — Tirando a inoportunidade desta e o óbvio daquela... resta a ponte. Pois que se construa! E concluída, aberta, transitada, distinguir-nos-emos sempre, cariocas, fluminenses? Porque não fluvienses, como um vice-rei benemérito, o Marquês de Lavradio, em 1772 batizou uma Academia científica, fundada nesta capital sob os seus generosos auspícios?

Não chega a ser problema.

Faça-se a fusão. Ou (mais útilmente) a ponte.

E ver-se-á.